

## Noé, protótipo do advogado.

*Basileu Garcia*

Catedrático de Direito Penal na Faculdade  
de Direito da Universidade de São Paulo.

A nenhum jurista de São Paulo já se tributaram, nos últimos tempos, tantas homenagens como as que Noé Azevedo recebeu e continua recebendo. A Secção paulista da Ordem dos Advogados do Brasil promoveu um ciclo de palestras para o estudo da sua personalidade e da sua obra. Fizeram-se ouvir primorosos oradores: Manoel Pedro Pimentel, Ruy de Azevedo Sodré, Pedro Chaves, Haroldo Valadão, J. Nascimento Franco e Evandro Lins e Silva. Já anteriormente fora-lhe conferido o título de Presidente Emérito do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção de São Paulo, tendo-o saudado Luís Arrobas Martins, que fora seu aluno. Outro antigo discípulo seu, o Desembargador Adriano Marrey, quando da derradeira aula de Noé nesta Faculdade, apreciou, no Tribunal de Justiça, a sua bela contribuição de professor. Por essa oportunidade, no Conselho da Ordem, três outras manifestações ecoaram: de Domingos Marmo, Esther de Figueiredo Ferraz e João Batista Alvarenga.

Em todas essas falas se enalteceu a sua extraordinária atuação de advogado, verdadeiramente notável pela assiduidade nas lides forenses em muitas décadas de labor contínuo, mas

---

\* Discurso proferido na sessão solene da Congregação, ao ser outorgado o título de Professor emérito ao professor Dr. Noé Azevedo, em 11 de agosto de 1971.

sobretudo merecedora de encômios pelo relevo e pelo lustre que soube imprimir à advocacia, que ele tanto dignificou.

Se se quiser eleger, na atualidade, em nosso meio, a figura do protótipo do advogado, não tenho dúvida de que Noé Azevedo reunirá a unanimidade dos sufrágios, porque permanece indelével a percepção do papel que ele tem desempenhado.

Todos os atributos do verdadeiro advogado se englobam na sua pessoa. É combativo, como um leão. Tenaz como poucos. Dedicado entranhadamente à defesa dos interesses que patrocina. Expõe e redige com espontaneidade, seduzindo pela argumentação fluente e persuasiva, em colorida linguagem de perfeito conhecedor do idioma nas suas raízes clássicas. Vale-se de uma cultura enciclopédica, jurídica e de humanidades. É, sem exagero, um erudito. Em dia com a literatura, assim como com os conhecimentos gerais das ciências, as páginas que elabora são sempre pontilhadas de observações sagazes, apropriadas e amenas, que descansam o leitor, assim retirado do terra-à-terra dos assuntos estafantes para ser conduzido à genuína aura do pensamento.

Não lhe falta a verve, o senso de humor, que apazigua o cansaço, nas dissertações que o cumprimento do dever profissional torna longas, quando a complexidade do caso o exige. A ironia e a sátira, para investir sem machucar, são armas que maneja habitualmente.

O domínio que exerce sobre a ciência jurídica é completo. Poderia ter sido professor de qualquer das disciplinas desta Faculdade. Catedrático de Direito Penal, nunca se fechou no círculo das questões criminais, onde a sua palavra proficiente é sempre solicitada para magistrais pronunciamentos. Todos os ramos do Direito Público e do Direito Privado êle frequenta, não como visitante esporádico, mas com a fixação de um domicílio permanente.

A estatística dos trabalhos que já publicou, pareceres, arrazoados e conferências, bem como intervenções em congressos nacionais e internacionais, aponta uma assombrosa messe, cujo valor cultural não é menor do que a sua pujança numérica.

Já tive ensejo de ver Noé engolfado na sua atividade produtiva. Escritos em que não há nada a corrigir nem melhorar, ele os dita ao datilógrafo de enfiada, quase sem trégua, e saem escorreitos de começo a fim. Invejo-o, porque não sei escrever sem me torturar depois com a necessidade de retoques que desfiguram a estrutura originária das idéias.

Na luta férrea a que se entrega, com entusiasmo, em todas as demandas que defende, supõe-se, pelo dispêndio de energia, que Noé não agüentará outra igual, porque não há esforços que não gaste. Puro engano. Noé renova-se a cada passo, e parece que se acha invariavelmente a caminho dos quarenta anos, época em que a maturidade da inteligência se completa com o viço melhor da mocidade. Ele é infatigável. Tem sempre disposição para encetar uma nova batalha.

Em nossas conversas quando saíamos juntos da Faculdade, após prolongadas assembléias da Congregação, a que nunca deixou de estar presente, muita vez nos revelávamos mutuamente as mortificações que o excesso de afazeres na ocasião nos acarretava. Confesso francamente que as de Noé eram infinitamente mais justificáveis do que as minhas. A quantidade de tarefas em que ele teria de consumir, sem intermitência, o resto da tarde e a noite, mais a manhã seguinte, sob o acicate de prazos ou da angustiada solicitação dos clientes que desesperados o procuravam, era de tal magnitude, que eu não podia compreender existisse suficiente capacidade humana de resistência para lhes dar vazão. Noé, efetivamente, é um trabalhador que pode ser citado como exemplo de fibra e coragem no enfrentar as mais árduas incumbências.

O esforço descomunal para atender aos que apelam para o seu socorro não lhe perturba, por efeito da fadiga, a tran-

qüilidade espiritual que o faz um homem tipicamente sereno. Proverbial é a mansidão da sua voz baixa e delicada, enfeitada por um indefectível sorriso, que nunca o abandona mesmo quando se dirige bravamente contra o adversário, nas refregas judiciárias, ou contra o magistrado de cuja decisão discorda nas audiências. Essa postura é uma nota do seu cavalheirismo extremamente simpático. Por isso, aqueles a quem derrota não se tornam seus inimigos, mas, pelo contrário, ressaltam a admiração e a estima que lhe dedicam. O seu prestígio na classe é atestado pelo fato eloqüente de que, sem jamais disputar o cargo, ocupou a presidência da Ordem dos Advogados, em São Paulo, por vinte e seis anos consecutivos.

Entre as suas virtudes, inclui-se notadamente a modéstia. Não cogita de aparecer, de se projetar. Realça-se pelos seus méritos em todos os lugares onde o seu talento rebrilha, mas observa-se que é a contra-gosto que isso acontece. Noé conserva aquela mesma timidez provinciana, tecida de discrição, com que veio de Minas Gerais em 1915. A força enorme da sua autoridade, nos sodalícios a que comparece ou a que preside, tem principalmente o escudo de uma bondade e de uma tolerância comovedoras.

Reflexo dessa vocação temperamental para o bem, que tanto o torna prestante, é o seu pendor afetivo para as doutrinas repassadas de humanidade, que professa como penalista. A aula de encerramento oficial que proferiu nesta casa em 1944, sobre o tema *O fundo de vingança da penologia moderna*, é um auto-retrato psicológico, em que o cultor do Direito Penal vacila entre a pena, indispensável para coibir os ímpetos do mal, e o perdão, que emana, construtivo, dos ensinamentos do Cristo. Noé, se pudesse, perdoaria sempre. É o que lhe ordena o coração compassivo. Perdoaria aos delinquentes, como sempre perdoou também aos alunos de má memória ou pouco dados ao estudo, convicto de que a experiência lhes proporcionará depois os conhecimentos para cujo aprendizado não tiveram o suficiente lazer na Faculdade. Mas visto que o

imperativo da defesa social exige, à sua consciência de jurista, a inflição da pena, para que a comunidade seja preservada, Noé recomenda, como Dorado Montero, um direito protetor dos criminosos que só permita o mínimo de sofrimento, inevitável para reconduzir o transviado ao seu destino superior. E reclama que os estabelecimentos de reforma sejam bafejados pelo influxo dos mais puros preceitos de higiene física e moral.

Foi essa mesma inclinação magnânima que o fez voltar-se, desde a sua tese de doutoramento em 1921, e mais tarde no concurso à livre docência em 1927, para o infortúnio dos menores sem lar que alimentam o arsenal da criminalidade adulta, tornando-se ele um precursor no Brasil da terapêutica assistencial e tutelar adequada nesse terreno. E, com a sua benevolência, desejou que fosse extendida, afinal, aos infratores também saídos da menoridade.

Nessa seqüência, o mesmo timbre de patrono nato dos injustiçados por todas as formas de opressão, inclusive a do Estado autoritário, vinca a tese com que concorreu à cátedra em 1937, *As garantias da liberdade individual em face das novas tendências penais*.

A nossa Faculdade de Direito tem para com Noé Azevedo uma dívida de gratidão que jamais saldará de todo. Durante trinta e sete anos ele aqui esteve, pontual e exato, nos cursos para os alunos e nos conselhos para os companheiros, que sempre acataram as suas sugestões e as suas advertências impregnadas de bom senso. Cativou a todos com os laços do coleguismo e da fraternidade.

A rigidez do mandamento legal que afasta professores do nosso convívio em razão da idade somática, mesmo quando a idade intelectual seja a de um jovem, como é o caso de Noé Azevedo, privou-nos, a partir de dezembro de 1966, da sua presença costumeira. Desde então contraímos o dever de trazê-lo de volta, transformado em Professor Emérito, para premiá-lo

pelo muito que fez em nosso benefício e concitá-lo a prosseguir ligado de perto a nós.

Essa obrigação, satisfazêmo-la hoje, entregando-lhe a láurea a que faz jus. Assim comemoramos com um ato de justiça a nossa efeméride por excelência, a data da fundação dos cursos jurídicos no Brasil.

Professor Noé Azevedo: um espírito de escol, Alexandre Marcondes Filho, interpretando o sentimento de quantos vos festejaram, no momento da vossa ascensão à cátedra, em oração proferida em 1936, sintetizou com traços incisivos as vossas realizações nos quinze anos de então das vossas profficuas atividades, e exprimiu a sua certeza de outras tantas realizações igualmente edificantes no vosso futuro, marcado pela predestinação dos que sabem merecer a confiança e o aplauso da sua gente. “Que plataforma estupenda — disse — para uma vida consagrada às lides do Direito, sobretudo quando sabemos que ao serviço desse apostolado dais uma das mais fulgurantes inteligências do Brasil contemporâneo; um senso jurídico de uma acuidade que lembra as antenas das estações de rádio; uma cultura excepcional, arejada, sem arranhões, sem azinha-vre; uma vida espiritual intensa e ininterrupta — “a paixão do vosso estado” — e que juntaís a tudo isso uma radiosa juventude, uma límpida honestidade mental e um caráter construído de linhas retas”.

Agora, volvidos trinta e quatro anos, é forçoso reconhecer que o prognóstico se cumpriu à risca, porque jamais cessastes de ser útil e bom para os vossos concidadãos.

Mas a expectativa que nutrimos não se exaure, e se protraí sob a convicção de que, com as forças exuberantes que ainda vos mantêm na liça, continuareis, por muitos e dilatados anos, a servir ao Direito, a esta escola e à Pátria. Deus vos guarde, Professor Noé Azevedo.